



XIV Encontro da Rede Luso-brasileira DE ESTUDOS AMBIENTAIS

Vulnerabilidade Socioambiental na África, Brasil e Portugal: dilemas e desafios
À memória do Professor Manuel Serrano Pinto

Sessão de Homenagem ao Prof Manuel Serrano Pinto

Discurso de agradecimento da família

Gostaria de começar por agradecer, em nome da minha mãe, meu próprio, e dos meus irmãos, esta homenagem que a Rede Luso-Brasileira de Estudos Ambientais decidiu prestar a meu pai. Também, em nosso nome, um agradecimento especial ao Professor João Nildo e, naturalmente, a todos vós, por este momento, que tanto significa para nós.

Permitam-me que tome poucos minutos do vosso tempo, para partilhar convosco alguns episódios que penso terem cabimento nesta cerimónia.

Há demasiado tempo, passeava, de mão dada, com o meu pai, num dia cheio de sol, na então cidade de Lourenço Marques, actual Maputo, em Moçambique. Falávamos de diversos assuntos, até que lhe perguntei, na inocência dos meus seis anos: "Como é que sei se isto é um sonho ou é a realidade?".

O meu pai sorriu. Continuámos a andar, de mão dada, quebrando o silêncio com o som do nosso caminhar. Acabou por responder, alguns passos adiante: "Com o tempo, aprenderás a saber distinguir. Mas isto não é um sonho". A forma resoluta como o afirmou, foi suficiente, para a altura.

Anos mais tarde, já eu adolescente, em Portugal, levava-me para a escola, como fazia todos os dias. Íamos de carro e chovia. Esperava-me um exame, nesse dia, e eu estava nervoso. Tinha razões para tal, pois não havia estudado. Apercebendo-se do meu nervosismo, e da razão pela sua existência, afirmou o seguinte: "O mais importante é teres dado o teu melhor. Se o fizeres sempre, ninguém te poderá exigir nada mais". Foi uma lição e uma reprimenda, num só tiro.

Esse foi um dos lemas que escolheu para nortear a sua vida: dar o seu melhor em tudo em que se envolvia. E isso levava-o a nunca exigir de ninguém mais do que exigia de si próprio. A paixão com que se embrenhava nos projectos era tal, que nunca fui capaz de riscar o traço que separaria a vertente profissional da do lazer. O meu pai nunca teve uma profissão; teve um encandear de paixões por todos os projectos em que participou. Onde sempre conseguiu rimar amor com humor. E, se a família nuclear éramos nós, a estendida passava por todos vós.

No passado dia 15 de Janeiro, chegou a casa, vindo da África do Sul. Regressou carregando uma imensa felicidade, pois andara pela sua África, no meio das pedras e do capim, recordando momentos outrora vividos, envoltos nas mesmas poeiras. Confessou a satisfação por ter levado as suas botas do mato. E o olhar deixava transparecer os cheiros e as paisagens que as campanhas africanas, que começou a empreender há, precisamente, 50 anos, lhe vincaram o ser, o estar e o viver.

Nesse mesmo dia, partiu, como qualquer pessoa deveria partir: com saúde e cheio de projectos para o futuro. E fê-lo como sempre fez questão de viver: com a maior das discrições. Partiu, devendo muito a muita gente, mas absolutamente nada à sua consciência.

Nesse passado dia 15 de Janeiro, um amigo meu perguntava-me como poderia ter a certeza de que tudo o que se desenrolava não passaria de um sonho. Não pude deixar de sorrir quando lhe disse que o tempo nos ensina a saber distinguir.

Uma vez mais, em nosso nome, mas também em nome do meu pai, muito obrigado.

Recife, 14 de Setembro de 2011

Jorge Serrano Pinto

